



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

Vivendo com um ?estuprador?: sentimentos conflitantes, experiências ambivalentes.

Autoria: Everton Rangel Amorim (aluno)

Nesta apresentação, descreverei a normatividade das relações de gênero, descendo as normas a um plano ordinário (DAS, 2007), buscando enxergar o que acontece ali onde um criminoso sexual ? em regime condicional ou "já" em liberdade ? é também um filho em quem se confia, que tanto se ama e tanto irrita. Foi olhando para as mulheres que me vi obrigado a refletir sobre o que é ter um estuprador na família, isto é, sobre o que é conviver com alguém que a Justiça afirma ter praticado algum crime sexual. Em *After Kinship*, Carsten (2004) argumenta que uma resposta para a pergunta ?o que é ser parente?? depende de uma ênfase nas emoções, nas práticas morais e no gênero, muito negligenciada pelos estudos clássicos. Até certo ponto, tal como a autora, invisto em uma análise do parentesco/relatedness a partir das experiências cotidianas e sem divorciá-las dos processos políticos, isto é, sem deixar de lado a análise da presença do Estado nas famílias ou, de maneira ampla, nas relações de proximidade. Posso dizer que a minha preocupação com o Estado é uma preocupação com a condenação, mais detidamente com o efeito da verdade jurídica no interior do que chamarei de tecidos relacionais. Utilizando a pergunta de Carsten como parâmetro, a minha seria: o que implica levar a vida com ?estupradores? para as mulheres que com eles compartilham laços afetivos,



partilham os dias e trabalham para tornar essa vida viável? O meu objetivo é o de refletir sobre a "vida ordinária", preocupando-me com as experiências ambivalentes dos meus interlocutores: tentativas de perdão que provocam o reviver do estupro, amores que dilaceravam, práticas de cuidado que irritavam, regozijos provocados pela prática da humilhação, sentimentos de confiança pesados demais para manterem-se integralmente firmes, ideais de masculinidade perseguidos e frustrados, etc. Deslocando a preocupação de Mahmood com ética da virtude, diria que me interessa pelas condutas que, mesmo quando falham em serem virtuosas, alcançam algum sucesso ? mais limitado que o pretendido e, por isso mesmo, produtor de frustração. A minha aposta é a de que as ambivalências que caracterizam as experiências, as relações e, de modo mais amplo a vida ordinária, se bem descritas, podem nos auxiliar a não encapsular a sinuosidade do cotidiano em modelos analíticos sistêmicos e, por isso, previsíveis demais no que se refere à análise do comportamento, do hábito ou dos atos. Aposto, sobretudo, na possibilidade das ambivalências nos fazerem enxergar a normatividade dos nossos projetos emancipatórios, mais precisamente das nossas formas de imaginar vidas melhores para aqueles com os quais vivemos e/ou lidamos. No limite, interessa-me em discutir a seguinte pergunta: "pode-se levar uma vida boa em uma vida ruim?" (Butler, 2018).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: